



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## CASAMENTO: DESTINO OU ESCOLHA?

Tânia Rocha Andrade Cunha\*  
(UESB)

### RESUMO

Este artigo é uma reflexão sobre a história do casamento como instituição burguesa voltada para o amor. O seu objetivo é resgatar o processo de construção e transformação das relações amorosas a fim de compreendermos suas influências, mudanças e permanências nos dias atuais. Dialogando com Ariès, Giddens, Perrot, Del Priore, dentre outros autores que tratam do tema, pretendemos analisar as representações do casamento para mulheres que se casaram na segunda metade do século XX e mulheres que se casaram na primeira década do século XXI. Contribuíram para esta reflexão os resultados obtidos em duas pesquisas, nas quais, utilizamos o método de pesquisa qualitativa, compreendendo a técnica da entrevista semiestruturada com um roteiro previamente estabelecido para a coleta dos dados empíricos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Casamento. Amor. Mulher.

### INTRODUÇÃO

Falar de casamento na atualidade é uma tarefa difícil e complexa na medida em que a sociedade passa por transformações sócio-culturais e econômicas que refletem diretamente nas relações entre os cônjuges, dando ao casamento contemporâneo, vários significados, com diferentes perspectivas para cada pessoa que forma o par.

O objetivo deste estudo é traçar a trajetória do casamento desde a sua origem, passando pelas mudanças sofridas na modernidade para, a partir daí,

---

\* Professora Doutora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Gênero e Violência” – Museu Pedagógico – UESB. E-mail: rochandrade@uol.com.br



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

compreendermos o significado do casamento na contemporaneidade a partir do olhar feminino. Para tanto, nos apoiamos na leitura de importantes de autores como: Ariès, Perrot, Giddens, Del Priore entre outros, e nos resultados obtidos por meio das pesquisas “A Mulher Chefe de Família: dona-de-casa ou dona da casa” realizada em 1999 com mulheres que se casaram entre as décadas de 1950 a 1990 e “Casar ou não casar: Eis a questão”, que vem sendo realizada sob a nossa coordenação, pelo Grupo de Pesquisa “Gênero e Violência” do Museu Pedagógico – UESB – Vitória da Conquista, Bahia, com mulheres que se casaram entre os anos de 2000 a 2010.

No processo de realização dessas pesquisas utilizamos o método de pesquisa qualitativa, compreendendo a técnica de entrevistas semiestruturadas. Ao todo, realizamos 30 entrevistas com mulheres de 25 a 72 anos de idade que se casaram entre as décadas de 50 e 70 do século XX e com mulheres que se casaram na primeira década do século XXI. As entrevistas foram gravadas e tiveram total concordância das mulheres em relatar a sua experiência conjugal.

De acordo com Del Priore (2005, p.26) o casamento é uma instituição básica para a transmissão do patrimônio. Sua origem é fruto de acordos entre as famílias e não resultado da escolha das pessoas que vão se unir em matrimônio. Da antiguidade à idade média, eram os pais que cuidavam do casamento dos filhos. Tratava-se de um negócio de família, um contrato que dois indivíduos faziam não visando o prazer, mas atender os interesses de suas famílias, as quais reconheciam que a garantia da igualdade econômica entre os cônjuges era fundamental para a preservação de suas fortunas.

Com a expansão do cristianismo, em princípios do século V, e a queda do Império Romano, abre-se um novo espaço para a Igreja que, aos poucos, passa a expandir seu poder sobre o casamento, ainda que de forma modesta (Araujo, 2002). A partir do século VIII, preocupada com os preceitos morais, a Igreja passou



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

a pregar a monogamia, pois os reis francos eram polígamos e esta forma de relação era um meio de exibir riqueza, poder e alianças políticas.

O estabelecimento do casamento cristão só ocorreu em meados do século XII, na Europa, mas foi no século XIII, que casar na igreja tornou-se uma prática corrente. Nessa época a moral cristã foi normatizada, instituindo o matrimônio como sacramento e tornando-o monogâmico e indissolúvel. O casamento passou a ser o único espaço legítimo para a sexualidade, que tinha como objetivo único a reprodução.

Para Sot (1992, p.164), a dificuldade fundamental nessa época era o lugar ocupado pela sexualidade no casamento. Uma vez reconhecida a sua importância para a procriação, “o ato sexual é um bem; ele está, porém, sempre maculado de concupiscência (busca do prazer), que é um mal”. Cabe aos esposos se libertarem desta última e existe uma castidade para os esposos tanto quanto para os continentes. A sexualidade aparece, dessa forma, sempre ao lado da mácula, antagonista do sagrado.

Sobre esta questão Flandrin, (1985, p. 135) argumenta de que poucos documentos trataram com tanta minúcia da sexualidade quanto os tratados de teologia moral. Esses tratados revelam que há no centro da moral cristã, uma enorme desconfiança quanto aos prazeres da carne, uma vez que eles mantêm o espírito prisioneiro do corpo que o dificulta de se aproximar de Deus. De outra maneira, é necessária a união entre os sexos para a procriação, mas estes não devem estar presos aos prazeres da carne, pois a sexualidade nos foi dada com a única finalidade de reproduzirmos.

A ideologia que condenava o desejo e o prazer, por sua vez, não se sustentou por muito tempo. Diante da realidade dos fatos, a Igreja passou a aceitar o casamento como forma de por freio nos libertinos. Mesmo assim, a sexualidade só era legítima, no próprio casamento, se fosse realizada tendo em vista a procriação ou dar ao cônjuge o que lhe fora prometido no contrato do casamento.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

As maiores mudanças no casamento, afirma Ariès (1985), se iniciam a partir do século XVIII, com a modernidade. Nessa época a sociedade ocidental passou a conviver com uma nova ideologia, aquela que estabelece o casamento baseado no amor. Este novo ideal burguês, que valoriza o amor individual, impõe aos esposos que se amem, ou que façam de conta que se amam, que cultivem em relação ao casamento profundas expectativas de felicidade e realização.

Entre os autores que discutem a questão do amor, Giddens (1993) nos dá importantes contribuições. Ele afirma que, embora o uso da palavra paixão seja secular – paixão religiosa - ela permanece relativamente moderna e faz sentido considerar o amor apaixonado, que, nada mais é que a expressão de uma ligação genérica entre o amor e a ligação sexual. Embora o amor apaixonado seja um fenômeno universal, dificilmente ele é reconhecido como base necessária ou suficiente para o casamento. Para Giddens (1993, p.49), ele deve ser diferenciado do amor romântico, “muito mais culturalmente específico”.

O amor romântico começou a marcar sua presença a partir do final do século XVIII. Ele pressupõe a possibilidade de se criar um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades internas desse próprio vínculo. No casamento embasado no amor romântico, esposas e maridos eram vistos cada vez mais como colaboradores de um mesmo empreendimento emocional, que tinha primazia até mesmo sobre as obrigações para com os filhos.

Nas relações estabelecidas pelo amor romântico, o elemento do amor sublime tende a ter maior predomínio que aquele do ardor sexual. O ideal de amor romântico e a busca da felicidade tornaram-se os principais elementos motivadores do casamento. Segundo Perrot (2008), a expansão do casamento por amor ocorre de forma muito lenta no século XIX, período no qual as mulheres têm um papel determinante. Sinal claro da individualização das mulheres e também dos homens, o casamento por amor, naquele momento, anunciava a modernidade



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

do casal, situação que triunfou durante o século XX, período em que o amor e o sexo passaram a constituir fundamentos da relação conjugal.

No Brasil, durante o período colonial, os sentimentos de amor pareciam ligados a formas de sociabilidades tradicionais. Por aqui, descreve De Priore (2005, p.23): “os sentimentos como que transpiravam das comunidades; as casas eram invadidas pelo olhar dos vizinhos, pela fala das comadres, pelos gritos das crianças que circulavam entre os domicílios. Os sentimentos afloravam diretamente da experiência concreta”.

Essa organização introduziu novos elementos na vida familiar. Dentre eles, podemos citar: a liberalização dos costumes; uma nova sensibilidade e uma maneira diferente de pensar a conjugalidade e o amor; e a valorização da maternidade e do cuidado dos filhos, reconfigurando a vida doméstica, o tempo e as atividades femininas.

Neste sentido, pensar as famílias brasileiras nesse contexto histórico e cultural, significa refletir também sobre o lugar do matrimônio na cena social. No século XX, o modelo dominante de família no Brasil estava associado à imagem de um casal e seus filhos vivendo sob o mesmo teto. Esse modelo de família moderna e individualista teve suas bases estruturadas a partir de uma hierarquia e de uma divisão sexual do trabalho, que demarcava nitidamente os espaços dos gêneros na esfera produtiva e impedia que a liberdade e igualdade de direitos fossem exercidas nas mesmas condições pelos dois sexos.

A família conjugal moderna tornou-se uma instituição privada, sem função produtiva, dividida em dois mundos: o feminino, da casa, privado, em contraposição ao mundo masculino, da rua, público. Ela deixou de ser primordialmente uma unidade econômica para ser um refúgio, um lugar de expressão de sentimentos entre o casal e os filhos. O casamento passa então, a ser revestido de uma noção romântica de individualidade e de amor modernos. Torna-se elemento de inclinação pessoal.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Del Priore (2005) aponta que, em meados do século XX, o casamento representava o objetivo mais importante na vida das mulheres. Ser mãe, esposa, dona de casa, era este o destino natural das mulheres. Os relatos das mulheres que entrevistamos comprovam essa afirmativa: “O que eu aprendi com minha mãe a respeito do casamento era uma coisa que toda mulher teria que fazer. Ficar moça na casa do pai, depois casar e cuidar dos filhos e do marido, como ela fez” (Norma, 41 anos). “O Casamento era uma coisa que todas as moças que chegavam à idade tinham que fazer: casar e constituir família” (Marina, 50 anos).

O temor das moças dessa época era não realizar esse objetivo, pois, assim, não teriam cumprido o “destino feminino” e sofreriam muito com esse estigma social. O relato de Ana (55 anos) reforça esse pensamento: “Eu fui preparada pra me casar, eu tinha vontade de ter a minha casa, de ter meus filhos, era a expectativa que eu tinha, agora se eu não me casasse e não tivesse filhos eu seria uma mulher frustrada, hoje” Este era o sentimento que habitava o inconsciente feminino. Como bem lembra Bassanezi (1997, p.619), “Uma mulher com mais de 20 anos de idade sem a perspectiva de um casamento corria o risco de ser vista como enalhada, candidata a ficar para titia. Aos 25 anos, considerada solteirona, já era fonte de constrangimento”.

Como o ideal da maior parte das pessoas que se enamoram e se casam por livre escolha é o da busca da felicidade e da constituição de uma família moldada dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade, o ideal das mulheres entrevistadas que se casaram entre os anos de 1950 e 1980 não era diferente: “Eu imaginava que era um mar de rosas, que ia ser uma maravilha. Vinha de uma família que me prendia, muito religiosa e do interior. Eu fui criada dentro de uma visão de que mulher tem que trabalhar, não pode ficar à toa, não pode ficar só, senão, pensa besteira” (Elvira, 39 anos, 2º Grau, Bancária). “O casamento é o que toda menina dessa idade espera, ser feliz, imagina que o casamento é um mar de rosas, que você vai ter um companheiro prá fazer tudo junto com você, que vai



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

dividir tudo” (Leila, 39 anos, 3º Grau, Professora). “Prá mim o casamento era uma coisa maravilhosa, a realização. Uma coisa muito boa, um complemento na vida da gente” (Lígia, 58 anos, 3º Grau, Professora). “Prá mim o casamento era um sonho, era tudo maravilhoso, abraços, beijos, tudo bem. Eu imaginava assim: o pai, a mãe e dois filhos, como a gente via nas revistas, nos livros, e de fato eu só tive um casal. Um menino e uma menina. Era este o meu sonho”. (Norma, 41 anos, 1º Grau, Empregada Doméstica).

O depoimento de Norma resume claramente o pensamento da maioria das mulheres que entrevistamos. O casamento, como a realização das expectativas femininas, representado pelo modelo da família nuclear, que a ideologia burguesa tratava de difundir por meio de suas instituições. Norma tentou seguir esse modelo encontrado nos livros, nas revistas: casou e teve apenas dois filhos.

A visão da maior parte das mulheres que entrevistamos, é de que o casamento era representado como um desejo que habitava os seus sonhos. Sonhos esses, compartilhados pela maioria das mulheres que foram educadas tendo no casamento a maior realização de suas vidas. Como diz Bessanezi (1997, p 609), “Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história sem possibilidades de contestação”.

Os relatos acima demonstram que tanto as mulheres pertencentes aos estratos mais altos da sociedade, quanto as que estão situadas nas camadas de menor poder aquisitivo da população, tinham, na época em que se casaram, uma visão semelhante acerca do casamento.

Do mesmo modo pensavam as mulheres com um alto nível de escolaridade e as que nem chegaram a freqüentar uma escola. Todas elas imaginavam encontrar no casamento o começo de uma nova vida marcada pelo amor e pela cumplicidade. O casamento, no imaginário de muitas dessas mulheres representava um sonho, um filme com final feliz, como no relato de Maria Luiza (62 anos, 2º grau,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Empresária): “O casamento, para mim, eram os filmes de Hollywood [...] E o que eram os filmes de Hollywood? Histórias com um final feliz”.

Essas representações demonstram que essas mulheres não foram orientadas para viver o casamento real, e sim o casamento do mundo colorido dos contos de fada e das fantasias românticas. Entretanto, essas fantasias são funcionais ao modelo de família e aos diferentes papéis de homens e mulheres, amplamente divulgados e valorizados na sociedade em que vivemos.

Em sua trajetória histórica o casamento foi invadido por sentimentos, desejos e emoções relativos ao amor-paixão. Desejo, que nunca se realizou, pois o amor-paixão, diante de tantos impedimentos, era apenas anunciado e nunca vivenciado para além de um momento. Mas, segundo Porchat (1992), na sociedade moderna, a realização desse amor se tornou possível por meio do casamento. E um dos elementos que mais contribuiu para ligar as idéias de união perfeita, felicidade e casamento foi o cinema – especialmente até a década de 1950 – pois a maior parte dos filmes produzidos em Hollywood, sobretudo em suas cenas finais, passavam a idéia de que o casamento representava o lócus ideal para a perpetuação e efetivação da vivência do amor-paixão, como relatou Maria Luiza.

De acordo com Bessanezi (1997), alguns conservadores chegavam ao ponto de criticar o cinema americano por trazer para o Brasil “más influências”, pois as cenas que mostravam em suas telas como normais, revelavam hábitos que para a moral da época eram condenáveis a exemplo de mocinhas ousadas e cheias de iniciativa, que ficavam horas em companhia de um rapaz em seu carro ou apartamento. Tudo isso representava uma falta de respeito aos mais velhos, à moral e aos bons costumes.

Como o objetivo deste trabalho é refletir sobre o casamento a partir do olhar de mulheres que se casaram em diferentes períodos da história recente do Brasil, entrevistamos também 10 mulheres que se casaram entre os anos 2000 e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

2010, a fim de conhecermos o que elas pensam do casamento: “Era um sonho pra mim. Desde pequena eu tinha vontade de casar. Eu queria ter a minha família, a minha casa, um companheiro, uma pessoa com quem eu pudesse dividir tudo” (Camila, 28 anos, 3º Grau, Pedagoga). “Quando eu casei, eu sabia que ia mudar, eu imaginava que ia casar, viver em uma casinha arrumadinha, ia ficar só ali, daí o maridinho ia chegar, ia fazer tudo, fazer a feira sozinho e você ia ficar ali... A adaptação foi ótima, Graças a Deus” (Joyce, 28 anos, 2º Grau, Vendedora ). “O conceito de casamento para mim é você se unir à pessoa que ama na busca da felicidade. Não essa felicidade idealizada, mas assim, de momentos mais felizes juntos, do que infelizes” (Patrícia, 33 anos, Defensora Pública). “O casamento já significava para mim um plano de Deus para o homem e para a mulher, um vínculo eterno que duas pessoas fazem e para mim é uma aliança, um compromisso que você faz diante do seu cônjuge e diante de Deus. É um compromisso” (Rosilene, 32 anos). “O casamento para mim significava um recomeço, uma vida nova, uma doação também, porque no casamento a gente acaba abrindo mão de muitas coisas, mas eu já tinha consciência disso quando eu me casei” (Jaqueline, 27 anos, 2º Grau, Vendedora).

A maior parte das mulheres que se casaram entre os anos de 2000 e 2010 viveram sua juventude nos anos noventa, época em que muitas discussões foram inauguradas, sobretudo a partir da influência do movimento feminista e do movimento das mulheres que lutavam pelo reconhecimento dos seus direitos. Já não havia um discurso único em torno do papel da mulher na sociedade. Coexistiam formas de pensar que de um lado defendiam novas possibilidades para a mulher além da dedicação exclusiva à vida doméstica e de outro aquela que valorizava o papel feminino tradicional.

Diante dos relatos apresentados a nossa reflexão é que, não obstante as diferenças entre as gerações; os novos papéis assumidos pela mulher na sociedade; as novas oportunidades educacionais; a forma de pensar sobre o casamento ainda



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

está muito próxima do que pensavam as mulheres que casaram entre as décadas de 1950 e 1990. Ainda estão presentes nas cabeças destas mulheres as representações de casamento como algo muito importante a ser concretizado. Como ilustram estas falas: “Era um sonho pra mim”, “Pra mim casamento é ser feliz”. “Um plano de Deus para o homem e para a mulher”.

Constatamos ainda, a existência de outros pontos de aproximação na forma de pensar as relações conjugais entre mulheres estudadas. Como exemplo, podemos citar a forte influência da religião e a visão do casamento como uma ponte para a felicidade. Outro aspecto que nos chamou atenção é que, mesmo as mulheres que almejam uma profissão ou que já se encontram com uma carreira profissional estabilizada, ressaltam a importância do casamento como projeto pessoal. “Pra mim casamento é ser feliz, não é ser feliz a vida inteira, mas é ter identificação com o outro, é ter mais sensações de felicidade do que de tristeza. Pra mim, casar é você se unir a alguém que vai te trazer mais momentos felizes do que infelizes, é compartilhar o seu dia-a-dia, as questões patrimoniais, planejar ter um filho, constituir família, mesmo. É você idealizar estar com aquela pessoa pelo resto da vida”. (Patrícia, 33 anos, Defensora Pública).

O relato de Patricia ilustra a mistura de sentimentos que estão presentes na vida de grande parte das mulheres que convivem atualmente com as novas mudanças na divisão dos papéis entre os sexos. Por mais que estejam certas da importância desses novos papéis e do lugar que ocupam na sociedade como indivíduos de direitos e deveres, no plano afetivo, muitas mulheres ainda expressam o ideal de felicidade proporcionado por meio de um casamento. Como apontam Coutinho e Menandro (2010, p.10), “mesmo com a disseminação de novas expectativas femininas (e masculinas) de realização pessoal, o casamento ainda é uma opção de peso para a mulher, o que possibilita a manutenção de configurações tradicionais em se tratando de vida familiar”.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Outro ponto de aproximação na forma de viver a conjugalidade entre as mulheres entrevistadas nas duas pesquisas é o fato de que ainda existe mulher que abre mão do trabalho para cuidar dos filhos ou da família, como é o caso de Jaqueline (27 anos) que, como muitas mulheres do primeiro grupo, abriu mão do trabalho para cuidar da família: “Eu tive que abrir mão de trabalhar fora por causa das crianças. Eu queria passar para eles coisas que outros não poderiam. Abri mão do trabalho para acompanhar o desenvolvimento escolar, a infância deles” (Jaqueline, 27 anos). Apesar dessa situação, que não é apenas de Jaqueline, o ideal de casamento feliz, ancorado no amor, contrasta com as dificuldades do cotidiano e com as incertezas, tornando a relação do casal uma fonte de ambiguidades e conflitos. Nesse sentido, como diz Coutinho e Menandro (2010, p.13): “O conflito que permanece é aquele entre o real e o ideal. Maior autonomia feminina só tem sido possível com o acúmulo de atribuições”.

Embora existam continuidades nas formas de ver o casamento entre as mulheres que se casaram nos diferentes períodos abordados, ele já não representa o único projeto de vida para as mulheres que se casaram entre os anos 2000 e 2010, elas não o concebem mais como destino.

A opção pelo casamento, não significa que a mulher não possa conciliar com outras atividades que também são importantes para a sua realização pessoal, como a valorização da carreira, da independência financeira, da individualidade, requisitos que tira do casamento o lugar de prioridade na vida de muitas mulheres. O relato de Patricia (33 anos, Defensora Pública) é uma demonstração dessa nova forma de viver a conjugalidade, especialmente para as mulheres. “No início do casamento o meu marido me cobrava mais compartilhar os problemas, inclusive os financeiros. Eu tinha um conflito muito grande com isso por que eu me sentia invadida. Pra mim, o meu, era meu, o dele, era dele e o nosso era nosso. Eu fui criada para a independência. Pra ele tudo era comum, pra mim não, eu achava que existia um espaço que era só meu”.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A necessidade que as mulheres enfrentam atualmente para conciliar suas diferentes funções não é vivida sem dificuldades, no entanto, estas são encaradas como desafios para a sua auto-realização. Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, ela passa a responder simultaneamente por duas esferas: a pública e a privada, condição, que, na visão de Durham (1983:34), constitui uma contradição fundamental: “a percepção de sua igualdade enquanto indivíduo na esfera do mercado e de sua desigualdade enquanto mulher, ancorada na esfera doméstica da reprodução”.

Assim, não obstante este artigo signifique parte de um estudo em andamento, os dados obtidos já nos permitem inferir que a visão de casamento para as mulheres que se casaram na última década não rompe totalmente com as expectativas de um casamento ideal, de felicidade, de permanência e de estabilidade, no entanto, eles denunciam que o que se rompeu neste espaço de tempo foi a concepção tradicional do casamento como o destino natural das mulheres.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2002.
- \_\_\_\_\_. O amor no casamento in: ARIÈS P. e BEJIN, André. **Sexualidades Ocidentais**: contribuições para história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BASSANESI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: Del Priori, M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- COUTINHO, S. e MENANDRO, P. **Relações Conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: que seja terno enquanto dure**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652010000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652010000200007&script=sci_arttext). Acesso em 27.07.2013.
- DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.
- DURHAM, E. Família e Reprodução Humana. In: FRANCHETTO, Bruna ET AL. (org) **Perspectivas antropológicas da mulher**. N<sup>o</sup> 3. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

FLANDRIN, Jean-Louis. A vida sexual dos casados na sociedade antiga. In: ARIÈS, P. e BÉJIN, A. **Sexualidades Ocidentais: contribuições para história e para a sociologia da sexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Identidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1993.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2008.

PORCHAT, Ieda. Pensando a dor da separação conjugal. In: PORCHAT, I. **Amor, Casamento, Separação: a falência de um ideal.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

SOT, Michel. A Gênese do casamento cristão. In: **Amor e sexualidade no Ocidente: edição especial da Revista L'Histoire/Seuil.** Porto alegre: L&PM, 1992.